

UM REGIMENTO

Na Estrada União Indústria, pouco antes da Samambaia há um "placard" com uma frase aconselhando cuidado aos motoristas, de maneira bastante original: "Um desastre a menos nunca é demais"... Mas na entrada de Petrópolis há outro "placard" que me pareceu ainda mais surpreendente; dirige-se a quem chega do Rio: "Visite o 2º Regimento de Infantaria".

Confesso que eu nem sequer sabia que o 2º RI estava sediado em Petrópolis, onde, se não me engano, até há pouco havia apenas um Batalhão de Caçadores. Mas batalhão ou regimento, não importa; o que me pareceu notável e singular foi o comandante de uma unidade do Exército se dirigir assim ao público, em um convite amplo para visitar o seu quartel. Comentei o caso com um "chauffeur" de praça, e ele me explicou que o regimento fica em um lugar muito bonito e tem instalações e funcionamento modelares. "Eles lá gostam de receber visitas; não deixe de ir ver, porque o senhor vai gostar". Eu estava de passagem, e não tinha tempo. Dei mais corda ao "chauffeur" e ele, petropolitano, voltou a gabar o Regimento com o mesmo orgulho com que falaria do Palácio do Rio Negro ou do Museu Imperial.

Não sei quem é o comandante do regimento, nem quais são seus oficiais. Mas aquêle cartaz me pareceu uma coisa tão cordial, tão simpática e rara, que na mesma hora pensei em fazer esta crônica. Quartel costuma ser um lugar hostil ao paisano, um lugar em que o cidadão comum, de paletó sacco, só entra contrafeito, sofrendo interpelações do sentinela, esperando em pé às vészes bastante tempo para falar com o chefe da guarda ou com o oficial do dia, enfrentando caras severas e frases rápidas — um lugar em que ele se sente sempre como um intruso, um indesejável, um ser diferente e inferior, quase suspeito. E ali estava um quartel a convidar o transeunte a visitá-lo, num convite amplo, democrático, dirigido a todo mundo.

Creio não errar vendo nisso um belo sinal da mentalidade nova do Exército — que embora sempre tenha sido, pela própria formação, e pelo contacto de suas guarnições com gente de todos os cantos do país, uma corporação democrática, muitas vészes ficou ilhado pelo espírito de casta de muitos oficiais, por essa deformação profissional que leva o homem de farda, armado, a se julgar mais patriota e mais importante que o cidadão comum, e com direito a tratá-lo com superioridade. Temos visto, de alguns anos a esta parte, graças à Escola Superior de Guerra, um contacto efetivo do Exército com uma parte da elite brasileira, com os diplomatas, os jornalistas, os economistas, os parlamentares, os estudiosos de problemas nacionais, os homens da produção e os homens da inteligência. Esse contacto tem sido dos mais proveitosos, tem desmanchado prevenções, tem permitido uma compreensão melhor e uma cooperação inédita entre paisanos e militares de alto escalão. O gesto do comandante desse regimento de Petrópolis, a ser imitado por outros comandantes de unidade, viria completar esse grande serviço pela base, aproximando mais o povo do Exército para que melhor se entendam e se respeitem, como partes da mesma Nação, filhos da mesma terra, ligados por interesses e sentimentos comuns.

Leitor: se, por acaso, fôr a Petrópolis, faça um ato de boa democracia e cordial brasileiro: visite o 2º R.I.

R. B.

26/2/55

240